

EDITOR

Illydio Analyde da Costa

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa da Trindade, 12, 2.º

LITHOGRAPHIA MATTA

Rua da Magdalená

Marselheza

Caricaturas de

CHICO LISBOA

Desenhos de

TRINDADE CORREIA

LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1898

A QUESTÃO DREYFUS



O coronel Picquart

Honra hoje a galeria da *Marselheza* o retrato do coronel Picquart. E' um dever rememorar este nome em cada nova etapa da questão Dreyfus, e agora que, no momento em que escrevemos, a causa do Direito parece de novo posta em cheque pela demissão de Brisson, é útil, mais do que nunca, fazê-lo. Na evocação dos grandes actos de heroísmo moral requirir-se a força do espirito para o prosseguimento da lucta. Ora lembrar a acção exercida pelo coronel Picquart no assumpto Dreyfus é recomfortar a alma pela contemplação d'um desses espectáculos de nobre e singela dedicação que são o mais vigoroso dos estímulos para as consciências momentaneamente desalentadas.

Ao coronel Picquart se deve o reconhecimento, já hoje geral em todos os espiritos desapassionados, da plena innocencia de Dreyfus porque foi elle o homem que descobriu o verdadeiro criminoso. Com effeito, foi Picquart quem trouxe para a luz, agarrado pela gola do casaco, o sombrio espião Esterhazy. E' o caso do *petit bleu*. Mas, para isso, Picquart sacrificou a sua carreira, pode quasi dizer-se toda a sua vida, visto como, ligado ao traidor por uma obscura complicitade, vinham alguns dos mais altos representantes da classe militar.

O coronel Picquart não hesitou. Intelligencia vivíssima, viu tudo;

consciencia recta, affrontou tudo. Tratava-se d'uma questão de humanidade, d'uma questão de honra e d'uma questão de patriotismo. Havia um homem que, innocente, expiava com o duplo soffrimento do corpo e do espirito, um crime que não commettera; elle, coronel Picquart, tinha em seu poder as provas da culpabilidade do verdadeiro criminoso; o sentimento do patriotismo authentico amava-o a doirar de justiça a gloria franceza. Para isto, o que era preciso? Sacrificar-se o coronel Picquart. Sacrificou-se.

Ninguém, como elle, no exercito francez, tinha aberto deante de si um futuro mais brilhante n'um horizonte mais rasgado. Era o coronel mais novo do exercito; uma das suas intelligencias mais privilegiadas, um dos seus caracteres mais nobres, um dos seus corações mais generosos. Alem de isso, amava a sua profissão, porque a punha ao serviço de idéas, soñando esse prestigioso *missionismo* da França que encaufava a vasta imaginação de Hugo, intervindo em todas as causas da libertação humana. D'um momento para o outro, elle proprio faz desabar o seu fulcro. Puzera-se ao serviço de Verdade, e, desvendando o crime judiciario commetido, chamou sobre si a perseguição. E a perseguição não se demorou.

O official que occupava um dos logares mais importantes do ministerio da guerra em Paris é enviado, d'um dia para o outro, para a Tunisia. Afastava-se o homem para abafar a sua voz. Como se a distancia pudesse arrancar a vibração á palavra ou suffocar o sentimento na alma! Georges Picquart, que é o symbolo da correcção militar, partiu, sem uma objecção, ainda a mais simples. Mas, de lá, a sua insistencia pela Verdade não esmorecia nas cartas que dirigiu aos seus chefes. Picquart reclamava justiça para Dreyfus, respeitosamente-mas sempre. Em si não fallava. Decidiu-se então eliminá-lo, e para esse fim foi enviada uma missão arriscada, contra os Tanarys. A tentativa, porém fallhou.

O Destino necessitava d'esta testemunha.

Rompe, entretanto, em França a questão Dreyfus. A familia do condemnado e Scheurer Kertner, trabalhando no mesmo sentido, sem combinação de especie alguma, haviam chegado a um resultado identico. O auctor do *borderau* era o sr. conde Walsin de Esterhazy. Logo ás primeiras investigações, Picquart foi chamado de Tunis. Fiel á sua linha de conducta, o coronel não fez a minima confissão em publico. Mas, no inquerito a que respondeu, disse toda a verdade, desde a descoberta do *petit bleu* até á recepção dos telegrammas *Blanche e Sysse ança*.

Depois, a questão segue os seus tramites violentos. Conhecida a enorme força do adversario, tudo cae sobre elle. E' condemnado n'um conselho de investigação, por pretendidas inconfidenças; é ameaçado nas ruas de Paris; o falsificador Henry grita-lhe: o *senhor mente*; o governo expulsa-o do exercito; Zurlinden enerra-o no segredo do Cherche Midi. Picquart só diz uma cousa.— que sabe a verdade e a dirá logo que lh'o ordenem. A verdade, que elle offerece, ninguém lh'a aceita, mas nem por isso a França e o mundo deixam de saber que elle a sabe e está prompto a dizê-la. Todavia, se elle não pode dizer a verdade, pode destruir a mentira. No dia seguinte á leitura do documento falso de Henry, Picquart escreve ao ministro Cavsgibach: *Posso provar que se trata d'uma falsificação*. Como resposta, é lançado n'uma prisão.

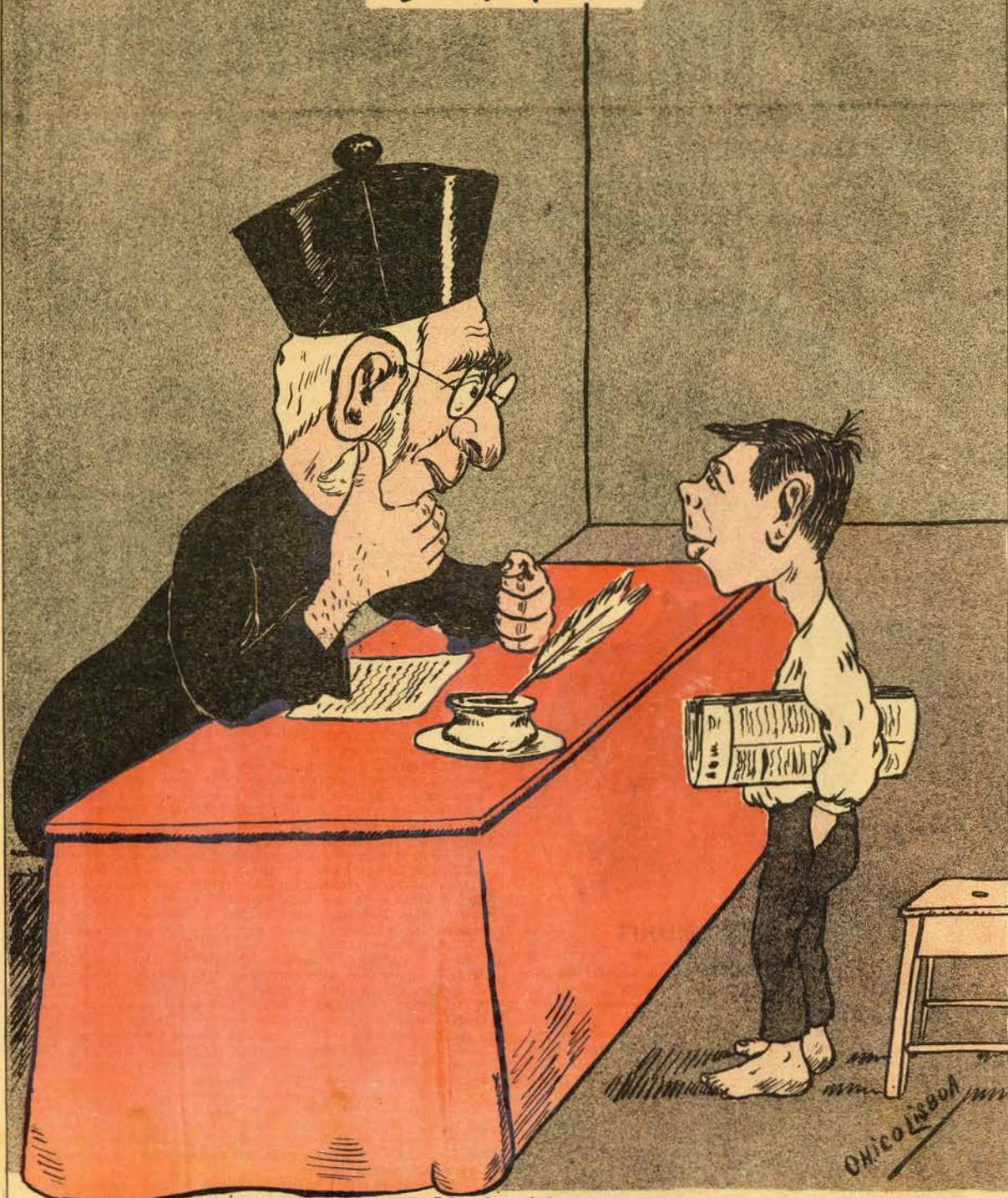
O coronel Picquart é a perfeita imagem do homem superior do nosso tempo. Envolvido na mais dramatica aventura d'este seculo, cercado do escandalo, com o seu nome tornado uma bandeira e um alvo, coberto de todas as injurias e de todas as glorificações,—ninguém, mais do que elle, odeia o escandalo, é avesso a romantisismos, e detesta a passadeira popularidade que os incidentes irritantes provocam.

Trasou a sua linha de conducta com simplicidade. Devotado a uma causa de justiça, sacrificou-lhe tudo, em silencio; procura-a fazer triumphar por todos os meios, com sangue frio. A sua serenidade assombra os seus proprios amigos. Esta cousa extraordinaria, que se chama cumprir, em absoluto, o *seu dever*, executa-a elle, sem uma quebra, como se se tratasse do acto mais simples da vida.

Está hoje, na prisão militar do Cherche Midi, no segredo, inteiramente incomunicado com o mundo. Da sua célula ainda não pode sair senão um bilhete onde elle diz: *Estou aqui a sós com a minha consciencia*. Não se pode, na verdade, representar no pensamento uma contemplação nem mais admiravelmente tranquilla nem mais allivamente compensadora!

A Liberdade de imprensa em Portugal

Os responsáveis



Juíz.—Como se chama?
Reu.—José Manuel, o Pintasilgo.

Juíz.—Que idade tem?
Reu.—Oito annos.
Juíz.—Profissão?

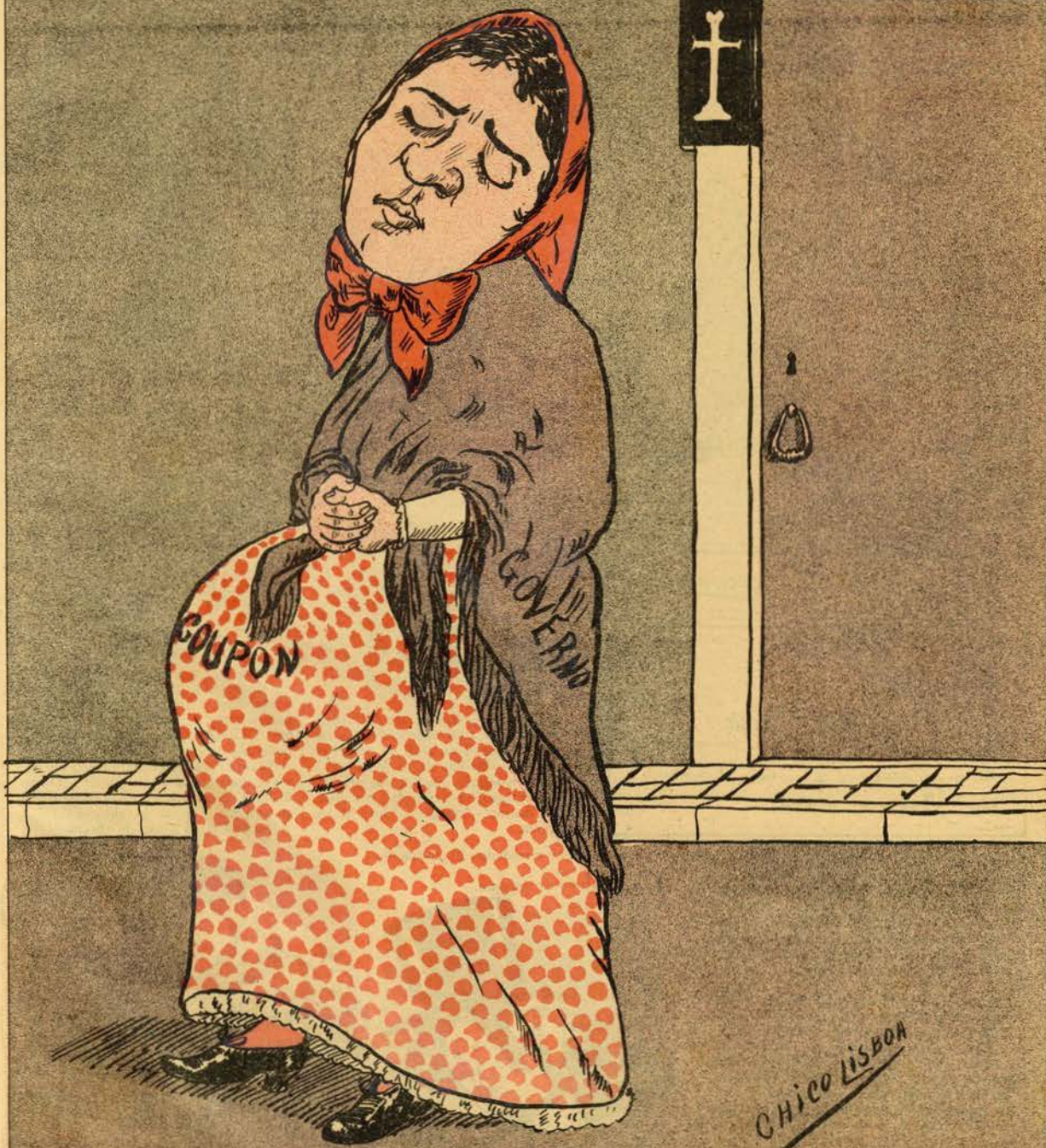
Reu.—Jornalista.
Juíz.—Sabe lêr e escrever? . . .

Onico Lisboa

Pesquisa da paternidade

O COUPON

70

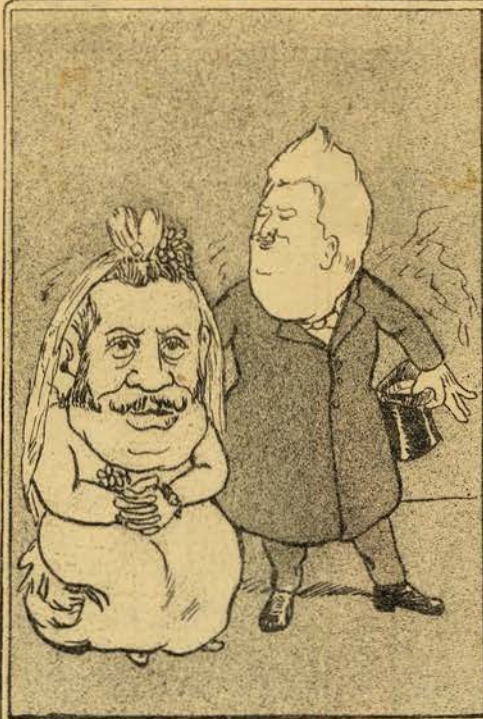


Não quer dizer quem a poz n'este estado!

CONSORCIO

«Assistiu hontem ao espectáculo no theatro da Trindade, em companhia do sr. juiz Veiga, o sr. ministro da justiça».

(Varios jornaes).



PROF.^a da Marzelha.

CHICO LISBOA

*Alpoim e Veiga
participam o seu casamento
e apparecem a sua casa
no Governo Civil.*

Ouvimos que o sr. ministro da fazenda vae lançar um imposto sobre o ar que respiramos. Applaudimos. Como medida de fomento é de primeirissima ordem.

Mas, tendo-se suscitado duvidas na applicação do imposto, porque os folegos não são eguaes, estudou-se e conseguiu-se a forma pratica de o lançar sem vexar nem lesar as partes.

Por meio de simples apparelho em forma de cano de bota, lança-se este á bocca e ventas do cidadão, garantindo-lhe o ar que quizer, e que passa atravez do dito instrumento. Ao tempo que isto se dá, o ponteiro do mostrador do elegante apparelho indicará ao agente do fisco a porção do ar respirado.

O apparelho é preso ao pescoço, fechado a cadeado, ficando a chave em poder da policia.

Para agua e refeições ha horas determinadas, tendo logar taes preceitos nas esquadras da Parreirinha.

O beijo fica abolido. Os nossos sentimentos

são creadas de servir e soldados da guarda municipal.

O arrote é livre de imposto.



DEPOIS DO CONGRESSO

O RECONHECIMENTO DAS POTENCIAS



Merci, Messieurs! Queiram ter a bondade de atirar para o lado do sr. Magalhães Lima.

A tout seigneur, tout honneur.



Diz-se que o sr. João Chagas mandou de Madrid um lindo casal de borrachos ao sr. José d'Alpoim pela benigna attitude tomada por S. Ex.^a para com o jornal A Lanterna, ao condecoral-o com 18 querellas.

Sua Ex.^a aceitou commovido a offerta, e vae mandar-lhe o seu retracto em medalha d'ouro, para o nosso collega trazer ao pescoço, á guisa de relicario.

Consola tanta prova de affecto.



Passou no domingo ultimo o 2.^o anniversario da cooperativa de viação A Lusitana.

Os nossos amigos, que os contamos e bons n'aquella florescente instituição, honraram-nos com um convite para a sua festa.

D'aqui os saudamos sinceramente por vêrem triumphar a sua obra, que tão entusiastico acolhimento encontrou no povo.